

## ASSUJEITAMENTO DO SUJEITO PELO NEOLIBERALISMO A PARTIR DA LEITURA FREUDIANA EM A ANÁLISE DO EU E PSICOLOGIA DAS MASSAS

ANDREW OLIVEIRA<sup>1</sup>; FERNANDO HARTMANN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Rio Grande – andy4597@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Rio Grande – fernandohartmann37@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nota-se, atualmente, a necessidade de atentar-se ao fato de como o sistema econômico vigente submete o sujeito em uma dada forma de constituir a sua identidade a partir da identificação com o outro, quando o esse se encontra diante de formações ideológicas que o atravessam. Ademais, é importante destacar que o trabalho considera a situação social predominante no ocidente, portanto, o que contemplamos é o capitalismo em sua mais nova forma de assujeitar corpos, com isso, nos voltamos para o neoliberalismo.

Sendo assim, para fundamentar a discussão foi feito o uso do texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (2011a) de Sigmund Freud, pois analisa-se que as massas se organizam em torno do sistema capitalista a partir da identificação que o indivíduo transfere ao outro que se encontra na mesma posição social. Isso devido ao Eu se apegar a uma massa a partir da identificação que esse tem com outrem, sendo por uma característica mínima ou não, pois o “Eu percebeu no outro uma analogia significativa em certo ponto” (FREUD, 2011a), o que, por conseguinte, já será o suficiente para estabelecer essa vinculação, como identificamos nas redes sociais a partir da forma-sujeito em um imaginário linguístico (PÊCHEUX, 2018), pelo qual ele se juntará a massa que condizer com a sua ideologia particular. No momento atual o que pressupõe esse reconhecimento no outro é a luta de classes que separa a sociedade e a faz estabelecer formas produtivas, já que o homem escreve a sua história, mas não segundo a sua própria vontade, mas sim a partir de condições pré-estabelecidas e dadas no contexto (MARX, 2011). Com isso, o indivíduo não terá satisfação por si, mas alcançará tal através do grupo (FREUD, 2011a), pois a ideologia irá interpelá-lo em sujeito (ALTHUSSER, 1980), colocando-o diante de sua posição social, pois é na “sujeição ideológica que é assegurada a reprodução da qualificação da força de trabalho” (ALTHUSSER, 1980).

Além disso, os sujeitos a partir da luta de classes serão separados em burguesia e proletário, fazendo-os se identificarem com as massas de sua mesma condição e tornando a sua realidade a verdade primeira, principalmente através de grupos de comunicação on-line. Por conseguinte, o sujeito irá ser intolerante quando defrontado com outras realidades, mesmo que em situações normais esse viesse a evitar certas mobilizações (FREUD, 2011a), pois através das redes ele tomará coragem, já que as massas se articulam em maior proporção, e crescem em velocidade exponencial. Podemos, desse modo, notar o nascimento da aversão a ameaça comunista, mesmo essa sendo ilusória e pouco provável de ocorrer, numa urgência de sustentar o sistema neoliberal, mesmo que esse seja responsável pelo adoecimento psíquico do sujeito trabalhador, o qual não responsabiliza o sistema devido a ausência clara de um enunciador que possa ser culpabilizado (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021).

Portanto, o que se tenta discutir nesse estudo inicial é como o neoliberalismo irá guiar o modelo subjetivo do sujeito, assujeitando-o em uma massa que o induz a levar adiante uma atividade que não lhe traga satisfação e contribua com o seu adoecimento mental e para uma vida precária. Essa problemática reivindica por diálogo no momento em que “numa massa todo sentimento, todo ato é contagioso, e isso a ponto de o indivíduo sacrificar facilmente o seu interesse pessoal ao interesse coletivo.” (FREUD, 2011a). Desse modo, tentamos entender como esse sistema faz o sujeito não se voltar contra o sistema e, por consequência, auxiliar na manutenção da ideologia dominante, fazendo uma interface com as redes sociais para compreender esse fenômeno.

## 2. METODOLOGIA

Para o presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, tendo como principal referencial a obra “Análise do Eu e Psicologia das Massas” de Sigmund Freud, tendo em vista que a proposta deste trabalho é realizar uma relação entre esta obra e o sistema econômico vigente para compreender como o neoliberalismo perpassa o sujeito a partir da identificação com as massas. Além disso, utilizou-se a abordagem de Louis Althusser em seu livro “Aparelhos Ideológicos de Estado”, pois compreende-se que a ideologia que interpela o indivíduo é um fator decisivo para que esse se assujeite ao sistema, assim como a ideologia delimitará as formações discursivas encontradas na fala dos sujeitos, para isso, fazemos um retorno a Análise de Discurso proposta por Michel Pêcheux.

Por fim, procurou-se fazer uma reflexão crítica a partir dos materiais utilizados em conjunto das redes sociais onde as massas se organizam com maior velocidade, uma vez que procuramos entender como o neoliberalismo continua a ser conservado pelo sujeito, por mais que esse sistema o explore e o reprima.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, destaca-se que as massas se organizam a partir do sistema econômico vigente, no ocidente o mais predominante é o capitalismo, logo, os comportamentos vistos como ideais a serem seguidos são determinados por essa instituição que se mantém a partir da configuração da luta de classes, dividindo a sociedade entre burguesia e proletariado (MARX; ENGELS, 1998), onde temos esse embate ideológico predominantemente nas redes sociais, onde a partir das massas os sujeitos se fazem falar como parte de uma voz secundária que não a deles. Destarte, vê-se que a segunda tópica freudiana é atingida intimamente pelo sistema capitalista, a qual da conta das instâncias do Eu, Supereu e Isso (Freud, 2011b), pois aqui terá o embate entre os desejos do Eu frente as demandas culturais estabelecidas pelo sistema, onde o Supereu irá trabalhar em conjunto com as proibições internalizadas e estabelecidas pela civilização submissa ao capitalismo. Essas restrições além de estarem sujeitas a ideologia dominante, também estarão restringidas a maneira como a massa pensa a partir do evento em que se apresentam, assim, percebe-se que em discussões polarizadas entre esquerda e direita em aplicativos de sociabilidade, um grupo atacará o outro adotando determinado discurso, o qual é atravessado por uma forma de falar anterior ao sujeito, visto que a formação discursiva é em outra instância um já-dito que não o dele, uma forma de se fazer dizer a partir dos sentidos disponibilizados pela ideologia (PÊCHEUX, 2018). Ainda, muitas das pulsões que são encobertas para manter o sistema em funcionamento, fazem com que o sujeito adoça pelas

inibições em que se vê obrigado a acatar, onde esse recalque fará parte do esquema que dará origem ao “núcleo patológico” e que eminentemente sustentará “as condições políticas da reprodução das relações de produção que são em última análise relações de exploração” (ALTHUSSER, 1980).

Em vista disso, ao se afirmar que o indivíduo estabelece comportamentos a partir do grupo (Freud, 2013), é justo supor que a chance dele se rebelar contra o capitalismo são mínimas, se não escassas, pois ao criticar o sistema, nota-se como o sujeito é pequenino diante da imensidão e influência que o neoliberalismo tem sobre a civilização e formação da cultura. Em vista disso, a partir do discurso adotado nas redes sociais, notamos que o indivíduo é um “sempre-já-sujeito” (PÊCHEUX, 2018), em decorrência da maneira como ele prioriza os dizeres e regras da massa sem se dar por conta com o quanto essa posição adotada lhe faz adoecer. Ademais, mesmo os comentários contra o sistema são demasiados e esquecíveis, pois as massas continuariam a funcionar sobre essa ótica do capital, mesmo que um grupo venha com uma revolta significativa, ela logo é encoberta, pois, o restante do mundo, e principalmente o ocidente, continua a operar por esse sistema, ainda tendo em consideração que grande parte das mobilizações realizadas através das tecnologias não chegam as ruas, visto que através das redes as massas têm suas vozes amplificadas e suas faces ocultadas.

Sendo assim, o julgamento dos sujeitos assujeitados muitas vezes se vê conformado na situação em que se encontram, já que a “ideologia passa então a ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de Um homem ou de um grupo social” (ALTHUSSER, 1980), como notamos através das discussões levantadas nas redes sociais, onde os sujeitos falam através de um discurso que fala em outro lugar a partir do encadeamento de pré-construções atravessadas pela ideologia (PÊCHEUX, 2018). Com isso, vemos o neoliberalismo crescer sem o questionamento do proletariado em relação a sua própria posição social. Além disso, observa-se como o neoliberalismo faz uso da psicopatologia para desviar o foco de si para a doença mental, onde o indivíduo é responsabilizado por suas problemáticas, muitas vezes advindas do social coagido por esse mesmo sistema, que faz ver o próprio sujeito como agente principal de suas disfunções e adoecimento (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2020; 2021).

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que se pode encontrar uma relação entre a ideologia dominante e a identificação do sujeito pelas massas, em decorrência de sua imersão na sociedade capitalista, uma vez que existem aproximações no jeito como ambas as problemáticas influenciam na maneira do sujeito em constituir a sua subjetividade, e na maneira como ele é atravessado por determinadas formulações discursivas. Ademais, no momento em que afirmamos que o indivíduo estabelece seus comportamentos e a sua fala a partir dos seus vínculos, podemos estabelecer que as chances desse se voltar contra o sistema são mínimas, pois esse é interpelado em sujeito pela ideologia contaminada pelo neoliberalismo, a qual deixa o proletário em um estado de assujeitamento pelo trabalho, pois sem esse o sujeito não pode se manter economicamente, fadando, por consequência, o sujeito ao neoliberalismo, uma vez que os diálogos estabelecidos e encontradas nas redes sociais não são o suficiente para mobilizar as massas contra o sistema opressor.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Lisboa: Martin Fontes, 1980.

FREUD, S. **PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU E OUTROS TEXTOS (1920-1923) OBRAS COMPLETAS VOLUME 15**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

FREUD, S. **O EU E O ID, "AUTOBIOGRAFIA" E OUTROS TEXTOS (1923-1925) OBRAS COMPLETAS VOLUME 16**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b.

MARX, K. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. São Paulo: Editora Unicamp, 2018.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. **Patologias do social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.